

TEMPO COMUM III DOMINGO – ANO C

PROPOSTA DE MEDITAÇÃO

COMUNIDADE, COMUNHÃO E MISSÃO

A Palavra de Deus deste Domingo nos convida à reflexão sobre a vida comunitária, comunhão e a missão da comunidade. Mas formar comunidade é um grande desafio. Para vivermos bem em comunidade não basta a simpatia e a boa vontade pessoal. A comunidade é o lugar da partilha não só dos dons (II leitura), mas também dos limites e fragilidades de cada um. Para que os limites não sufoquem o amor, é necessário nos deixarmos guiar pela Palavra de Deus que nos convoca a estarmos juntos e a superarmos nossos limites (I Leitura). Dessa forma, animados pelo Espírito que nos alimenta, seremos continuadores da missão de Jesus (evangelho).

I LEITURA: Neemias 8,2-10

A PALAVRA DE DEUS ALIMENTA A COMUNIDADE

Retornando do exílio da Babilônia, Neemias na qualidade de exemplar governador da Judéia (cf. Ne 5,14-19), ouvindo o clamor de seus irmãos, assumiu o desafio da restauração de Jerusalém e o escriba-sacerdote Esdras, doutor da lei, se esforçou para estimular o povo a reconstruir a vida interior. Esdras, zeloso sacerdote e especialistas nos mandamentos da lei de Deus (cf. Es 7,11), iniciou esse processo pela restauração social a partir da Espiritualidade do povo tendo, como centro de tudo, a veneração à Palavra de Deus que convoca todo o povo à conversão. O povo aceita esse convite demonstrando grande sensibilidade, respeito e forte sentido de comunhão e obediência a Esdras: como se fosse uma única pessoa, põe-se à escuta do Livro da Lei de Moisés (cf. Ne 8,1). O povo em Assembléia, na praça pública, compareceu em massa reunindo homens, mulheres e todos os que tinham uso da razão, ou seja, os que já podiam compreender aquilo que era anunciado (cf. Ne 8,2-3). O texto descreve os procedimentos solenes dessa leitura feita pelo sacerdote e do povo que escutava. Esdras, com postura solene, abre o livro diante de todos no lugar mais alto e, o povo ficando de pé, de mãos erguidas, dizia “Amém! Amém!”, escutavam com atenção, ajoelhavam-se e choravam (cf. Ne 8,3.5.7.9). O texto não somente era lido, mas também explicado pelos sacerdotes para que o povo entendesse o significado da leitura (cf. Ne 8,7). Ao final, o povo é despedido pelo sacerdote Esdras recomendando-lhe a estar alegre, a comer e beber bem e a repartir com aqueles que não tinham nada (cf. Ne 8,10-11). Esse final, muito significativo, representa o mandato missionário após a escuta da Palavra de Deus. Se a Palavra de Deus for simplesmente escutada com devoção piedosa, mas sem conseqüências práticas, de nada serve. Ela deve nos levar ao compromisso de melhoria de vida. Neste caso, o povo ao escutar e refleti-la, recebeu o compromisso do cuidar bem de si mesmo (comer, beber e deixar a tristeza de lado) e praticar a solidariedade com os necessitados (partilha).

Nossa vida

A descrição da postura solene de Esdras e as atitudes do povo nos dão grandes lições para a nossa vida de fé hoje. A primeira lição diz respeito à atitude de fé e veneração para com a Palavra de Deus. O texto fala de respeito, zelo, preparação cuidadosa do ambiente da celebração da Palavra e do clima para leitura do Livro da Lei. Quantas vezes em nossas celebrações comunitárias ouvimos péssimas leituras: mal preparadas, distorcidas, sem ambiente para a escuta... feitas por pessoas com posturas inadequadas! Ora, se acreditamos que através da leitura do texto Sagrado Deus nos fala, então, devemos zelar pela sua proclamação para ela chegue de modo compreensível aos ouvidos de cada pessoa da assembléia. A segunda lição muito significativa diz respeito à postura de fé da assembléia que escutava a leitura do Livro da Lei: o povo escutava com atenção, refletia, chorava... Não basta que a Palavra seja escutada, é necessário que a mesma seja refletida, ruminada, confrontada com a nossa vida, para que sensibilize a consciência e provoque-nos o desejo de mudança de vida. Isso não acontece automaticamente, deve ser fruto de um esforço. Caso contrário, quando muito ouvimos distraidamente e não a refletimos sobre o que significa para a nossa vida, de nada adianta. Recordemos a importância das Sagradas Escrituras: “elas têm o poder de lhe comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra” (2Tim 3,15-17).

SALMO 19 (18): É um salmo de louvor à grandeza de Deus revelada através das suas obras (cf. Sl 19,2). Os termos “céus” e “firmamento” indicam a totalidade das obras de Deus, aquilo que vemos e o que não vemos. A grandeza de Deus também se manifesta na sucessão do tempo sem intervenção humana (cf. Sl 19,4). Tudo o que existe no universo é manifestação da silenciosa voz de Deus (cf. Sl 19,5). Do versículo 8 ao 15, o salmista faz um grande elogio à Lei de Javé: esta é perfeita, firme e instrui os ignorantes (cf. Sl 19,8); são preceitos retos, transparentes, traz luz para os olhos e alegria ao coração (cf. Sl 19,9.12-13); consequentemente, as decisões de Deus são sempre justas (cf. Sl 19,10); por isso a Palavra de Deus é desejável mais do que o ouro e mais gostosa do que o mel (cf. Sl 19,10). Da parte do fiel é necessário combater o próprio orgulho (cf. Sl 19,14) e sobre a Palavra de Deus, sempre meditar (cf. Sl 19,15).

II LEITURA: 1COR 12, 12-30 O CHAMADO À COMUNHÃO NA COMUNIDADE

Paulo faz um profundo discurso sobre a importância da comunhão na vida da comunidade em resposta aos problemas de rixas e brigas presentes entre as pessoas da comunidade de Corinto. Por isso os exortou no início dessa carta a viverem unidos na fé, mantendo-se de acordo uns com os outros e evitando toda espécie de divisões (cf. 1Cor 1,10-11). Paulo compara a comunidade como um corpo que, apesar de ter muitos membros, todos estão em comunhão e se ajudam mutuamente. Assim deve ser na vida comunitária: somos muitos, todos diferentes, com dons específicos (cf. 1Cor 12, 27-20) mas formamos um só corpo, a comunidade (cf. 1Cor 12,12-13). Trata-se de um corpo misterioso, em sentido metafórico. O centro dinamizador dessa comunhão é o Batismo, a partir do qual todos passaram a beber de uma só fonte (cf. 1Cor 12,13) para adquirirem o mesmo pensamento e a mesma sensibilidade (cf. 1Cor 1,11-12; 2Cor 13, 11; Fl 2,5): a do Espírito Santo. Paulo com muita franqueza e com exemplos bem concretos, reflete com a comunidade dividida sobre a necessidade da comunhão na diversidade das pessoas assim como cada membro do corpo tem sua função específica. Por isso cada membro é importante. Assim como nenhum membro do corpo se julga mais importante do que os outros, da mesma forma deve ser na comunidade (cf. 1Cor 12,14-20). Por isso nenhum deve dizer ao outro: “não preciso de você” (1Cor 12,21). Paulo indica-lhes duas importantes atitudes para a superação do problema da divisão comunitária: o cultivo da solidariedade e o cuidado recíproco. Uma vez que nem todos os membros têm a mesma consistência, mas todos são importantes para o corpo, é necessário que cada membro participe dos sofrimentos, das honras e das alegrias de cada um (cf. 1Cor 12,26).

Nossa vida

Paulo nos deixou um profundo princípio: a diversidade não deve promover a adversidade entre as pessoas, mas o enriquecimento – pois somos muitos mas formamos um só corpo! Na prática o que vemos em nossa experiência de vida, na família, nos grupos, nas comunidades religiosas, nas Igrejas, nas empresas, nas escolas, nos movimentos populares é, muitas vezes, outra coisa: a diversidade de opiniões, de sensibilidade, de mentalidade, de talentos... que oportunizam a geração de conflitos e divisão, disputas e rixas, concorrências e desprezo pelo outro, invejas e ciúmes. Por que isso acontece? Muitas vezes é por causa da nossa perda da visão da totalidade do corpo, onde todos os membros são importantes. Mas um membro não forma um corpo! Quando o orgulho nos domina depreciamos o outro com sua riqueza natural e enaltecemos o que temos e somos. O orgulho gera injustiça, sem justiça não há comunhão na comunidade. Esse texto da Palavra de Deus nos convoca a nos treinarmos sempre na busca da aceitação do outro com seus limites e dotes, no respeito pela diversidade, na capacidade de colaboração com pessoas que pensam diferentes de nós, de busca da sinergia com os outros em vista de um mesmo projeto comum... Enfim, Paulo nos estimula, à prática do diálogo como experiência de confronto e ao mesmo tempo de caminho de enriquecimento conjunto... graças à diversidade que brota da razão (pensar) e do coração (sentir). A individualidade, dinamicamente acolhida e respeitada, gera a riqueza comunitária.

EVANGELHO: Lucas 1,1-4; 4,14-21 A MISSÃO DE JESUS

Lucas dá testemunho sobre o seu empenho ao escrever o seu evangelho; reconhece que antes dele, outros já haviam escrito a história dos acontecimentos da vida de Jesus; consultou testemunhas oculares, fez um estudo cuidadoso dos fatos ocorridos e organizou a sua narração, o seu testemunho pessoal (cf. Lc 1,1-3). Com esse prólogo, tão ordenado, Lucas quer dizer a seus leitores que o objeto da sua narração não é uma filosofia, como produto de sua mente, mas sim, testemunho de uma história real. Jesus de Nazaré não é um personagem fictício. Nesta introdução o autor também cita o destinatário de sua obra: o teófilo. A palavra “teófilo” é formada por dois termos gregos “theós” (deus) + “filia” (amizade). Portanto, “teófilo”, quer dizer “amante de Deus”, “aquele que ama a Deus”. Lucas também relata o objetivo de sua obra: é

em vista da promoção da solidez da fé dos “teófilos” (cf. Lc 1,4). Teófilos somos e devemos ser todos nós! Teófilo não é um personagem, mas é todo aquele que movido pela fé se acosta aos evangelhos para melhor conhecer a Revelação divina em Jesus Cristo. Em seguida Lucas descreve, brevemente, o programa missionário de Jesus de Nazaré movido pela força do Espírito Santo que inicia sua missão entre os pobres da Galiléia; logo sua fama se espalha pela redondeza, pois ensinava nas sinagogas e era elogiado pelo povo (cf. Lc 4,14-15). Assumindo a profecia da missão do Messias escrita pelo profeta Isaías, Jesus abraça uma missão profundamente messiânica, ou seja, libertadora, defensora da dignidade humana ofendida e como consequência, promotora de grandes mudanças sociais pelo fato de colocar-se como defensor e promotor dos pobres, explorados, cegos, aprisionados e oprimidos (cf. Lc 4,18-19). Esse será programa de vida missionária e por isso, já começando no mesmo capítulo quarto, o próprio Lucas, testemunha que Jesus ao levar a sério essa missão causará divisão: para alguns será aplaudido, elogiado e admirado (cf. Lc 4, 14-15.22.37), mas ao mesmo tempo essa missão provocará em muitos sentimento contrários e o odiarão, se enfurecerão com Ele e planejarão sua morte (cf. Lc 4, 28-29). Jesus é o missionário de Deus Pai que veio proclamar aos seres humanos uma nova era nas relações humanas baseada na lógica do Amor, do perdão, da solidariedade, do serviço gratuito e desinteressado; um tempo de reconciliação e de renovação da Paz e da fraternidade: esse é o tempo de Graça do Senhor. No “Ano da Graça do Senhor”, ou ano jubilar, celebrado pelos Judeus a cada 50 anos, as dívidas eram perdoadas, os escravos ficavam livres, as pessoas em conflitos davam as pazes, a terra descansava, os prisioneiros eram soltos (cf. Lv 25, 8-17). Isso, hoje, é símbolo da espiritualidade cristã: somos convidados a estar sempre em estado de celebração do ano jubilar pessoal, ou seja, sempre abertos ao perdão, à reconciliação, à partilha, à renovação da própria paz.

Nossa vida

A missão de Jesus se configura como opção divina pela defesa da dignidade humana que exige, portanto, incondicional ação em prol da vida e contra toda espécie de males pessoais e sociais como a pobreza, a prisão, a cegueira, a opressão, a injustiça. A “pobreza” é símbolo de ausência, de falta, de carência, de necessidade, de fragilidade, de impotência... Essa pobreza pode ser no sentido material (não ter o necessário para se viver com dignidade) e também em sentido espiritual, como desapego, simplicidade, abertura a Deus e aos outros. A “prisão”, mais que referência ao um cárcere (estrutura física), é uma situação de dependência, de falta de liberdade provocada por muitos fatores: os vícios, o egoísmo, o medo, o materialismo, a tristeza, a depressão, os traumas, as marcas negativas do passado... Há muitas formas de se viver e de se sentir em “prisão”: somos chamados a construir a nossa liberdade! O amor, o perdão, a resiliência e a esperança nos libertam! Jesus veio também para nos mostrar o caminho da libertação das “opressões”: a palavra “opressão” simboliza um conjunto de fatores externos que nos pressionam e violentam: as injustiças que vêm do mundo do trabalho, da religião mal compreendida, da política imoral, da economia excludente... Enfim, o texto sobre a missão de Jesus fala da “cegueira”: é o mal da insensibilidade, da falta de fé, da falta transcendência, da indiferença, da alienação, a inconsciência. Todas as vezes quando em nossas atitudes, lutamos contra todos esses males e apostamos na promoção da vida humana em plenitude, estamos atualizando a missão de Jesus; essa é a nossa missão hoje.

Mensagens e Compromissos

1. Quando a Palavra de Deus é escutada com atenção e Fé, alimenta e nos sugere pontos para a nossa transformação pessoal.
2. A comunhão comunitária só é possível quando os dons de cada um são partilhados e valorizados.
3. Somos chamados a atualizar a missão de Jesus no “hoje” da nossa vida.

Antônio de Assis Ribeiro (Pe. Bira)
Inspetoria de Manaus